

CANTORAS POSICIONADAS NA CULTURA DO SILÊNCIO

Andréa Betânia da Silva¹

Braulio Santana de Jesus²

RESUMO: O artigo apresenta a importância do papel sociopolítico e cultural da mulher cantora dos diferentes estilos, na música brasileira entre os séculos XX e XXI, através de momentos diversificados do contexto histórico do Brasil com o lema de liberdade, igualdade e fraternidade. O objetivo é revelar mulheres cantoras que tem a vez e a voz das minorias silenciadas, entre esses excluídos encontram-se os públicos LGBTQIA+ e as mulheres e os homens negros (pretos, pardos e indígenas). O artigo também mostra o quanto essas profissionais artistas feministas utilizam das estratégias do mercado fonográfico nacional para atingir a massa com mensagens, ações e manifestos em prol do empoderamento de minorias articulados às teorias de escritores (as) como Andréa Betânia da Silva, Katharina Döring, Paulo Freire, Stuart Hall, Wander Melo Miranda, et al.

PALAVRAS-CHAVE: Cantoras posicionadas; Cultura do silêncio; Mulheres; Música.

¹Doutora em Cultura e Sociedade pela Universidade Federal da Bahia em co-tutela com a Université Paris Ouest Nanterre La Défense. Mestre em Letras pela Universidade Federal da Bahia, Especialista em Língua Portuguesa: Texto pela Universidade Estadual de Feira de Santana e Graduada em Letras Vernáculas pela mesma instituição. Atualmente é Professora Adjunta da Universidade do Estado da Bahia, atuando na Graduação e na Pós-graduação, sendo Professora Permanente do Programa de Pós-graduação em Crítica Cultural. Vice-líder do Grupo de Pesquisa Voz, corpo e memória na trama poética (UFBA) e membro dos Grupos de Pesquisa Núcleo das Tradições Orais e do Patrimônio Imaterial (NUTOPIA/UNEB) e do Centre de Recherches Interdisciplinaires sur le Monde Lusophone - CRILUS (UPOND-França). Experiência nas áreas de Letras, Pedagogia e Ciências Sociais, atuando com os seguintes temas: Poéticas orais, Leitura em contextos de privação e restrição de liberdade, Literatura, Leitura, Escrita, Memória e Cultura Brasileira. E-mail: andrearepente@gmail.com

²Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural (Linha de Pesquisa 1: Literatura, Produção Cultural e Modos de Vida) da UNEB (Universidade do Estado da Bahia) e Graduado em Artes Cênicas pela UNISBA (Universidade Social da Bahia). E-mail: brauliosantana_@hotmail.com

As mulheres cantoras posicionadas, desde o século XX até o atual início do século XXI, oferecem motivação para a busca da independência, autovalorização e autoestima que conduz a uma vida pessoal, profissional, social, cultural e política de maior qualidade para essas pessoas que vivem à margem da sociedade. O artigo está inserido ao processo de realização de um dos capítulos da dissertação do mestrando Braulio Santana de Jesus, sob orientação da Professora Doutora Andréa Betânia da Silva do Programa de Pós-graduação em Crítica Cultural vinculado ao Departamento de Educação pertencente à grande área de Linguística, Letras e Artes do Campus II/Alagoinhas da Universidade do Estado da Bahia.

O artigo apresenta o quanto a maioria das intérpretes do cancionário brasileiro que em seu papel de mulher emancipadora, dona-de-casa, arrimo de família e chefe familiar exerce importância na sociedade. Automaticamente, motiva e trabalha a sororidade e a resiliência com incongruência através da cultura de massa e da audiência notória por meio do seu canto/cantoria que atinge e forma a opinião pública de uma sociedade brasileira ainda preconceituosa, eurocêntrica, patriarcal e do silenciamento que segundo Paulo Freire:

Dizer a palavra, em um sentido verdadeiro, é o direito de expressar-se e expressar o mundo, de criar e recriar, de decidir e de optar. Como tal, não é o privilégio de uns poucos com que silenciam as maiorias. É exatamente por isso que, numa sociedade de classes, seja fundamental à classe dominante estimular o que vimos chamando de cultura do silêncio, em que as classes dominadas se acham semimudas ou mudas, proibidas de expressar-se autenticamente, proibidas de ser (FREIRE, 1976: 49).

Há mais de cem mil anos, essa tal resistência e completude é adquirida através de ancestrais que são os primeiros seres humanos nascidos de áreas longínquas do continente africano. Os povos nômades oriundos da África Central que buscaram pela adaptação em outras partes do mundo de acordo ao clima, ou seja, sem hostilidade. Consequentemente, as migrações possibilitaram o surgimento de etnias e de culturas diversificadas em outros locais do mundo habilitando os excluídos como homens e principalmente as mulheres que educam e transmitem a necessidade da resistência física e emocional às intempéries do tempo e da condição de vida humana cotidiana.

Da mulher é gerada a vida, além de existirem valores e princípios aguçados, como a gratidão, o perdão, a devoção, a doação, a intuição, a misericórdia e o amor ao próximo. Há exemplos na humanidade de mulheres notórias e de personalidade que deixou um legado histórico e religioso como Maria, Mãe de Jesus Cristo. Ou até mesmo, outros exemplos mais recentes de espiritualidade na humanidade, como Madre Teresa de Calcutá, Mãe Hilda, Mãe “Menininha” do Gantois, entre outras que são referências para várias gerações de mulheres guerreiras. Inclusive, entre elas há diversas referências para as cantoras com posicionamento e engajamento sociopolítico e cultural.

A canção de Rita Lee Jones de Carvalho e Roberto de Carvalho diz que “Nas duas faces de Eva, a bela e a fera”, trecho da canção “*Cor de rosa choque*” (1982) composta por eles diz o quanto a mulher possui de tal completude humana contraditória. Como também denominará cada título desse artigo com trechos dessa mesma canção que é um hino do gênero feminino, no Brasil, ao traduzir a mulher em poucas estrofes.

Em outra letra de música, Irmã Dulce dos Pobres que segundo o presságio de Rita Lee, na canção “*Todas as mulheres do mundo*” (1993), ela sem saber quase estava premonindo que em 2019, a Irmã Dulce seria beatificada pelo Vaticano quando escreveu em determinado trecho da canção que “Irmãs La Dulce ‘beaidetificadas’”. Rita Lee inclui no fim dessa canção uma homenagem a anônimas e diversas personalidades femininas como as escritoras Clarice Lispector e Zélia Gattai, como cita também as seguintes mulheres cantoras: Carmen Miranda, Elis Regina, Nara Leão, Wanderléa e Rita Cadillac. Além da canção, “*Todas as mulheres do mundo*” (1993), dizer repetidas vezes em estrofe que “Toda mulher é meio Leila Diniz”. E toda cantora posicionada exerce o mesmo engajamento visionário e emancipador na quebra de paradigmas morais, sociais e civis que a lendária atriz Leila Diniz deixou como legado.

Certamente a Rita Lee tem também esse legado de engajamento ativista e rebelde. Inclusive, mencionou recentemente durante Live com Ronnie Von, segundo a “*Revista Ig Gente*”, em 30 de novembro de 2020, o quanto é grata a outra cantora posicionada, Elis Regina, que a visitou inesperadamente e a tirou da prisão por porte e uso de maconha quando Rita estava grávida do primeiro filho. Outra situação protagonizado por ela, segundo o site da “*Revista Veja*”, em 02.08.2013, no Twitter, foi quando a cantora expressou insatisfação com a decisão judicial sergipana e revelou de fato “*as duas faces de Eva, a bela e a fera*”:

A truculência que houve no meu show foi igual a das recentes manifestações. Me posicionei ao lado do público. Para safado, nenhum ‘tostão furado’. Apenas minha silenciosa manifestação anti vocês-sabem-quem. Quando a ditadura é um fato, a resistência é um dever”, escreveu, sem perder a razão quanto ao posicionamento. A cantora, em 29 de janeiro de 2012, foi detida pela Polícia Militar de Aracaju, Sergipe, durante o “Festival Verão Sergipe” (VEJA, 2013).

Show que deveria marcar sua despedida dos palcos, o que acabou não se concretizando, já que ela continuou se apresentando nos meses seguintes. Rita Lee se dizia contra a presença de policiais militares, que revistavam os espectadores do show para reprimir o uso de drogas; e ironizou os militares, pedindo para eles se acalmarem e “fumarem um baseadinho”. Como os policiais não se retiraram do local, a roqueira, passou a “agredilos” verbalmente, usando palavras como “cachorros” e “cavalos”.

No site do “*Estadão*”, em 11 de agosto de 2017, revelou-se que a sentença após ser reformada pelo Tribunal de Justiça de Sergipe concluiu com o valor a ser pago por danos morais em R\$5.000,00 à um dos policiais, após cerca de setenta policiais terem processado Rita Lee. Entretanto, a advogada de defesa de Rita Lee, a Doutora Taís Borja Gasparian, mencionou que só haviam por volta de vinte policiais em frente ao palco durante o show, segundo o site.

A cantora carioca e sambista, Tereza Cristina, recentemente em suas redes sociais esteve mais “fera do que bela” porque sua a rede social, o Instagram, por sucessivas vezes esteve invadido, bloqueado e em quedas de conexão. A realização de suas live’s são repletas de posicionamentos políticos esquerdistas para seus mais de 379 mil seguidores, no @teresacristinaoficial. Desde o período inicial das candidaturas políticas, por volta de outubro de 2020. Todavia, a mesma não se calou realizando as live’s em perfis de personalidades nacionais que são amigas e amigos, até o problema ser solucionado pelo Instagram ou esferas legais de órgãos judiciais.

O canto é um dos ofícios midiáticos em mercado fonográfico e radiofônico que proporcionam ao gênero de vulnerabilidade sociopolítica e cultural, como as mulheres, o direcionamento e o posicionamento ao privilégio do poder de fala e do local de fala. O gênero feminino nas lutas permanentes pela igualdade de direitos em plena contemporaneidade, influencia a opinião da população através de um dos meios de comunicação de massa mais eficazes e com abrangência relativamente rápida, prática e objetiva que é a música. Mesmo com líderes de hegemonia masculina, branca e rica à frente das grandes empresas de comunicações do mundo e multinacionais, que em era digital dominam grandes produtoras, gravadoras e plataformas de distribuições digitais de músicas, as mulheres mostram que de “sexo frágil” não tem nada e são “mais ‘machos’ que muitos homens”.

Cultura são todas as ações por meio das quais os povos expressam suas “formas de criar, fazer e viver” (Constituição Federal de 1988, artigo 216) segundo IPHAN/MinC (2012: 07). A autora e teórica Heloísa Buarque de Hollanda em sua obra denominada “*Cultura como recurso: Coleção Cultural é o que?*” (Volume IV) distribuído pela Secretaria de Cultura do Estado da Bahia, Fundação Pedro Calmon (2012) revela a importância de empresas como a multinacional Sony para a cultura, em específico a cultura capitalista, no século XXI:

Nesse quadro, a economia da cultura é, dos mercados emergentes, um dos apontados como dos mais importantes e promissores do início do século XXI. Alguns teóricos, inclusive, já definem nossa época como a era do capitalismo cultural e da era do acesso. Ou seja, partem da evidência do poder e da força econômica neste século dos grandes aglomerados transnacionais como, por exemplo, a Sony, que agregam a cultura, a informação e os meios de comunicação e que hoje detém uma parte enorme do capital global. (HOLLANDA, 2012: 16).

Atualmente, pleno século XXI, quando o mundo historicamente passa por momento sensível no setor da saúde, com a pandemia mundial, utilizar das plataformas virtuais e redes sociais em momento de confinamento e distanciamento é uma ação notória e a Sony ainda está entre as que lançam artistas, entre elas estão as mulheres cantoras posicionadas.

A extinção de grandes gravadoras multinacionais do mercado fonográfico mundial que dominavam os resultados em vendas, até os anos de 1990, com a “pirataria” (reprodutibilidade comercial ilegal) dos anos 2000 faliram ou tiveram que se reinventar em era de lançamento digital da música, substituindo o antigo LP (Long Play) e também o CD (Compact Disc). A Sony é exemplo de empresa que evitou a sua própria extinção com possível falência dando lugar a outros produtos e ferramentas que auxiliam a propagação midiática das mulheres cantoras em um mundo de negócio virtual que se democratiza às minorias através dos acessos gratuitos que revelam essas posicionadas vozes pelo contemporâneo setor musical. No entanto, há cantoras posicionadas como Elis Regina em sua última entrevista veiculada ao programa da emissora TV Cultura, antes de morrer, em 1982, revelando parte de sua indignação quanto às nuances contratuais sem escrúpulos pertencentes ao sistema mercadológico fonográfico da época, exibida no canal da TV Cultura, no YouTube como “*Elis Regina: Jogo da Verdade*” (2016). Todavia, segundo a autora Marilda Santanna (2005: 167), há também uma autonomia cedida à artistas como Daniela através das companhias multinacionais como a Sony:

[...] Daniela Mercury tem um trânsito junto a sua gravadora, Sony Music - grande multinacional fonográfica -, de relativa liberdade, não só na escolha de repertório, mas em turnês internacionais contando, atualmente, com uma agente americana e outra europeia, participando, assim, dos maiores festivais da Europa e Estados Unidos. Na América Latina, seu trânsito, particularmente, na Argentina, é muito grande, tendo feito várias turnês por este país, como já citado acima, além de possuir um fã clube portenho (SANTANNA, 2005: 167).

O conceito de entre-lugar teorizado por Silviano Santiago e refletido através de artigo do autor Marcos Aurélio dos Santos Souza (2005: 2) é característica dos posicionamentos socioculturais além das fronteiras realizados por Daniela Mercury, a “Rainha do Axé Music”. Como embaixadora nacional da boa vontade do UNICEF, Daniela Mercury transita em muitos outros países com lotação de públicos em shows, recordes de vendas de CD’s e milhares de acessos de suas canções nas plataformas virtuais e redes sociais atingindo o patamar local, regional e global (HALL, 2000). Também contribui para a preservação das matrizes culturais, já que Daniela Mercury criou, em 2008, o Instituto Sol da Liberdade que realiza, em parceria com o UNICEF_ONU e a ESPN_Brasil, o projeto Caravana da Música. A Caravana da Música é um projeto itinerante que percorre o Brasil desde 2007, visitando uma cidade a cada mês. As cidades a serem visitadas são indicadas pelo UNICEF, de acordo ao IDH (índice_de desenvolvimento_humano) e ao IDI (Índice de Desenvolvimento da Infância) que segundo a biografia da cantora, no Wikipédia (2021):

Em cada uma das cidades visitadas, a Caravana da Música ergue uma grande infraestrutura onde oferece a 3000 crianças uma vivência inédita com a dança, a música, o teatro, a construção de instrumentos, a arte circense e outras diversas experiências artísticas. Além de atender às crianças, a Caravana da Música oferece também formação em Arte Educacional para 250 professores da rede pública de cada um dos municípios visitados. A Caravana da Música já atendeu diretamente mais de 50 mil crianças e 30 mil professores. Considerando que cada professor da rede pública formado pela Caravana se transforma em um multiplicador da Arte Educacional, a estimativa é que a Caravana da Música já tenha atingido, indiretamente, mais de meio milhão de crianças. Toda a ação da Caravana da Música pelo interior do país é registrada pela equipe da ESPN Brasil que, mensalmente, exibe um documentário sobre a atuação do projeto. O documentário é exibido no Brasil e em mais 157 países (WIKIPÉDIA, 2021).

Daniela Mercury, entre outras cantoras posicionadas que se declaram feministas levam a reflexão e a recordação sobre personagens femininas de áreas como as artes dramáticas. Segundo Gregory (2005: 3), considerada chocante para os seus contemporâneos, no teatro, “*Medeia*”, foi a última das peças apresentadas no festival Dionísico de 431 a.C. Não obstante, a peça continuou a fazer parte do repertório teatral de tragédias e experimentou um interesse renovado com o surgimento do movimento feminista, atendendo ao tema da decisão de uma mulher, *Medeia*, sobre a sua própria vida num mundo dominado pelos homens. A peça manteve-se como a tragédia grega mais frequentemente encenada ao longo do século XX.

O jornalista Jean Wyllys em seu primeiro livro, “*Ainda lembro*” (2005), em capítulo intitulado “*Mulheres*” que conta com uma citação inicial, “*Mas nada é igual a ela e eu*”, do cantor Caetano Veloso. O autor declara o seu amor com um senso “edipiano” pelo ser

do gênero feminino e menciona Tati “Pink” e Grazi Massafera que foram suas companheiras de confinamento com admiração. Elas participaram com ele do elenco de um programa veiculado a um público de massa que falou sobre diversidade e gênero, um Reality Show da TV Globo, o Big Brother Brasil 5. Jean rememora e cita de forma poética sobre a mulher e como ela o inspira (2005):

Procurava-as pela casa, passava horas ao lado delas porque percebia que eram, cada uma a seu modo, uma mistura de mulheres importantes em minha vida – de minha mãe e minhas irmãs até minhas amigas, passando pelas professoras e pelas três namoradas. Desde menino prefiro e procuro a companhia das mulheres como se estivesse a reclamar a escuridão do ventre que um dia me guardou e protegeu do mundo. E, por falar em ventre, há algo mais fascinante e misterioso do que uma mulher grávida? Se a alma existe mesmo, há um momento em que ela, a mulher grávida, carrega duas almas: a sua e a do bebê. Será, então, que a alma dela se divide em duas ou em mais, a depender da quantidade de filhos? Seria por conta dessa divisão que uma mãe, seja ela boa ou ruim, é “para sempre” na vida de qualquer pessoa? As mulheres têm alma fértil... (WYLLYS, 2005: 39 e 40).

“*Tudo sobre minha mãe*”, o filme de Pedro Almodóvar, segundo Wyllys é a homenagem à mulher, inclusive à mulher que existe em todo homem e o escritor diz que gostaria de ter feito esse filme. O autor também comenta poeticamente que parece, os gays já deram o primeiro passo na compreensão de que podem ser verão, mas também o apogeu da primavera. Logo que ele saiu da casa, um jornalista, comentando a amizade dele com Grazi e Pink, pediu que explicasse a afinidade entre os gays e as mulheres. Jean respondeu com duas perguntas: “A repressão aos gays não seria parte da histórica repressão às mulheres no Ocidente? Não seria a repressão ao lado feminino de todo homem? Talvez sim”. Jean Wyllys disse também que não está preocupado em entender; como escreveu Clarice Lispector, pois viver ultrapassa qualquer entendimento. Ele menciona que está certo de que quer ter, por toda à sua vida, uma mulher cantando para ele. (WYLLYS, 2005: 41 e 42).

O empoderamento feminino, negro e LGBTQIA+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queer, Intersexo, Assexual e mais outros grupos e variações de sexualidade e gênero) não é assunto apenas contemporâneo, como também já traçado através de antigas lutas e conquistas de pessoas que foram agredidas, violentadas e até mortas em ações, movimentos e guerras em prol de direitos. O objetivo é a permanência de direitos que foram adquiridos e a busca de outros direitos que historicamente as mulheres em posicionamentos ajudaram as minorias nas conquistas sociais, políticas, econômicas e culturais. As cantoras posicionadas ajudaram na divulgação e engajamento massivo à exemplo das performances vocais engajadas da cantora da região norte do país, Fafá de Belém, nas Diretas já, que foi um movimento civil de reivindicação por eleições presidenciais diretas, no Brasil, ocorrido entre 1983 e 1984. A possibilidade de eleições diretas para a Presidência da República no Brasil se concretizaria com a votação da proposta de Emenda Constitucional Dante de Oliveira pelo Congresso, segundo a autora Lidiane Duarte (2007).

Protestos femininos como a simbólica “*Queima de Sutiãs*”, em 7 de setembro de 1968, no Vietnã, em pleno evento internacional de Misses também ocorreram; e a histórica luta nacional pelo direito ao voto que em 1932, o Código Eleitoral passou a assegurar às mulheres brasileiras esse direito. Segundo o site do TSE (Tribunal Superior Eleitoral):

Quem acompanha a importância da luta das mulheres por direitos e o quanto essa discussão tem espaço nos dias atuais muitas vezes não imagina quão recentes são algumas das conquistas para o gênero feminino do ponto de vista histórico. Há apenas 88 anos, as mulheres nem sequer participavam da vida política do país, uma vez que eram proibidas de votar (TSE, 2020).

Somente em 24 de fevereiro de 1932, o Código Eleitoral passou a assegurar o voto feminino. Entretanto, esse direito era concedido apenas a mulheres casadas, com autorização dos maridos, e para viúvas com renda própria. Essas limitações deixaram de existir apenas em 1934, quando o voto feminino passou a ser previsto na Constituição Federal. Esse cenário não era exclusivo do Brasil. Na França, por exemplo, o voto feminino se tornou realidade em 1944 e, na Suíça, em 1971. No Brasil, no entanto, a bandeira das mulheres pelo direito de votar e de serem votadas teve início décadas antes, pelo menos desde 1891, quando foi apresentada proposta de emenda à Constituição brasileira que trazia essa prerrogativa. A proposta, contudo, foi rejeitada. O tema ganhou ainda mais força no início do século XX, a partir da militância política feminina na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos. Essa atuação organizada e estratégica inspirou outras mulheres no mundo todo. A internacionalização do movimento, conhecido como sufragista, favoreceu a conquista do voto feminino em diversos países. O Dia da Conquista do Voto Feminino no Brasil passou a ser comemorado a partir de 2015, com a promulgação da Lei No. 13.086, segundo o site do TSE (2020).

Apesar dos avanços, a luta das mulheres por igualdade de direitos ainda é atual e se reflete nos espaços de poder, onde os homens ainda ocupam a maioria absoluta dos cargos. Elas representam quase 53% de todo o eleitorado brasileiro, mas, ainda assim, são a minoria nos cargos eletivos, segundo estatísticas do site do TSE (2020).

Uma sociedade que em sua história envolve machismo, patriarcalismo, colonialismo, preconceito, sexismo, xenofobia. Infelizmente essas atitudes partem de uma sociedade de cultura retrógrada que ainda é contra o que consideram como ser inferior, a mulher. Essa mesma sociedade, inclui também outras classes à margem como negros, quilombolas, indígenas, pessoas LGBTQIA+, deficientes físicos e pessoas especiais, entre outros povos excluídos socialmente. Nessa mesma sociedade, a mulher é mencionada como o “sexo frágil”. Contudo, mostra que há diversos exemplos de mulheres que são mais fortes que muitos homens e em jornadas triplas de trabalho que poderiam impedi-las, se distanciarem e até desistiriam das lutas. Contudo, é aí que há a ascensão profissional e acadêmica feminina em prol das minorias revelando a generosidade da mulher ao próximo.

Na contemporaneidade deveria ser obrigatório ao homem estudar sobre a mulher e a forma com que ela cuida da família e o poder generoso de também cuidar do próximo. A sensibilidade das mulheres escritoras e artistas e em específico, a criatividade feminina das cantoras, que compõem e interpretam com força interior e com performances de ineditismo híbrido necessitam de pesquisas e estudos que esclareçam porque as mulheres simplesmente tornam-se constantemente potentes e pilares da sociedade.

As características do hibridismo ancestralmente herdado através da troca de culturas nômades e mencionado articuladamente em obras como a denominada “*Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais*” (2000) de Stuart Hall. Revela na *Parte I (Controvérsias)* – “*Pensando a Diáspora: Reflexões sobre a Terra no exterior*” uma

gravura do pintor Van Der Straet, “Encontro da Europa com a América” (c. 1600), que retrata sobre a política sexual na conquista da América, a tropologia (emprego de linguagem figurada) do discurso de gênero e perspectiva crítica feminina. No site, “Sotheby’s: Pintura de Johannes Stradanus sobre Renascimento e Maneirismo” (2021), retrata essa ilustração emblemática que entre os homens coloca ao lado de um símbolo do globo terrestre a figura onipotente e onipresente da mulher que tem papel de protagonismo na união e transformação entre povos de culturas e continentes diferentes.

Tal protagonismo mencionado através da representação da ilustração tem a cantora posicionada e empresária carioca Anita, oriunda da periferia e exemplo de empreendedora para as mulheres brasileiras, inclusive para as mulheres cantoras posicionadas. Revela em diversas entrevistas que um dos padrões estabelecidos para sua carreira é a gestão padronizada. A empresária tem padrão baseado na multinacional vendedora de hambúrgueres, a Mc Donald’s, citada também por Stuart Hall como instituição empresarial que estabeleceu padronização e equipes com excelência profissional. Stuart Hall menciona que o Danceball (salão de baile), na Grã-Bretanha, se inspira na música e na subcultura da Jamaica e adotaram muito de seu estilo e atitude. O “*Danceball, Baby Mother*” protagonizado por três garotas do norte de Londres revela a política sexual na cultura popular jamaicana através das lutas para se tornarem DJ’s de ragga (HALL, 2000) possibilitando voz e vez às minorias e quebrando hegemonias e paradigmas preconceituosos à mulher artista.

Francisca Gonzaga conhecida como “Chiquinha” Gonzaga, primeira maestrina brasileira engajada culturalmente, no início do século XX, preocupada com a falta de direitos quanto à veiculação de composições das letras de canções e textos reuniu autores e compositores para criar uma sociedade em proteção aos seus direitos. Após décadas, criado em 1977, em Brasília, conhecido como ECAD (Escritório Central de Arrecadação e Distribuição) é um escritório privado brasileiro responsável pela arrecadação e distribuição dos direitos autorais das músicas aos seus autores, tendo sua sede localizada no Rio de Janeiro. É uma instituição privada criada pela Lei nº5.988/73 e mantida pela Lei Federal nº 9.610/98, segundo site do ECAD (2020).

Chiquinha Gonzaga lecionou, trabalhou na boemia e bailes e viveu como musicista independente com o grupo “*Choro Carioca*” e tocando piano em lojas de instrumentos musicais. Nesta época sofria preconceito por criar sozinha um filho. Passa a dedicar-se inteiramente à música, obtendo bastante reconhecimento pela composição de polcas, valsas, tangos e cançonetas. Envolveu-se com a política, militando em prol da abolição da escravidão e pelo fim da monarquia. Chamava a atenção nas rodas boêmias do Rio por ser independente e por fumar em público, algo que não era considerado de bom tom para mulheres da época, segundo “*Chiquinha Gonzaga*”, na Enciclopédia Itaú Cultural (2017).

Outra mulher artista com história de posicionamento e luta foi Carmen Miranda, “*A Pequena Notável*”, em seu 1,52 m de altura apenas, mas com um incontestável carisma e talento considerado imenso pelo público nacional e internacional. A nacionalidade dela era portuguesa e foi naturalizada no Brasil.

Um produtor da Broadway em 1939, no Cassino da Urca, no Rio de Janeiro, descobre Carmen Miranda e a leva para os Estados Unidos das Américas, onde dissemina de forma estilizada a cultura brasileira, no mercado fonográfico e cinematográfico.

Carmen Miranda é uma dessas artistas mulheres à frente do seu tempo que se posicionou e internacionalizou a cultura brasileira no mundo através de suas apresentações e gravações cinematográficas estadunidenses. Entretanto, os Estados Unidos das Américas criaram um estereótipo do Brasil como “república das bananas” em alusão à estilização feita por Carmen Miranda ao utilizar na cabeça um adereço com frutas tropicais. Essa estilização da baiana no mercado midiático internacional considerada uma apropriação cultural realizada pela artista e tentou reconstruir sua identidade, já que havia uma personificação de um exotismo latino-americano genérico singular e peculiar feito pelos Estados Unidos das Américas. Enquanto que no Brasil havia rejeição e desse exotismo porque era considerado inautêntico e paternalista. O grupo “*Bando da Lua*” era estratégia de moda ao se aliar à Carmen Miranda, já que em momento dos grandes musicais americanos havia estabelecia uma harmonização estética vocal à moda estadunidense.

O fim da carreira de Carmen Miranda, segundo a autora Marilda Santanna, foi difícil porque ela faleceu precocemente em decorrência da falta de recuperação das estafas sucessivas do excesso de trabalho e cumprimento de contratos inescrupulosamente exaustivos (2009: 58). Entretanto, ela deixou um exemplo de legado precursor artístico tanto na música quanto no cinema internacional para as mulheres brasileiras.

A partir dos anos de 1970, em pleno período de ditadura militar, no Brasil, como menciona o jornalista Julio Maria ao explicar, no primeiro parágrafo do capítulo 21 da biografia, “*Elis Regina: Nada será como Antes*” (2015), que algumas cantoras, entre elas Elis Regina, e também as atrizes Narjara Turetta e Regina Duarte se posicionam culturalmente e socialmente a favor das mulheres brasileiras, conforme sucesso da série televisiva *Malu Mulher*:

A TELEVISÃO ABRIU OS OLHOS PARA O SEXO FEMININO com um interesse inédito naquele final de década de 1970 até porque o IBGE já apontava um placar de 98,7 homens para cada 100 mulheres. Elas estavam vencendo. Bastava uma lente de médio alcance para identificar em qualquer classe figuras femininas de ideias, palavras e ações de dar nós nas cabeças machistas. Um dos primeiros homens a perceber a força daquela revolução sexual silenciosa estava na TV Globo. Filho de ator catalão e atriz argentina, João Carlos Daniel já era o diretor de programas Daniel Filho quando veio a vontade de captar o fenômeno de comportamento das ruas com um seriado semanal. *Malu Mulher* estreou em maio de 1979 criando bochicho e expectativa pelos novos capítulos das noites de quinta-feira. Tudo girava em torno da vida de Malu, interpretada por Regina Duarte, uma socióloga divorciada e independente, mãe de uma garota de 12 anos e com uma vida pós-conjugal e profissional de carga dramática suficiente para criar identificação imediata com o batalhão de saias vidrado na TV. Inquietas com a invisibilidade de suas condições de donas do lar, elas queriam voz e espaço fora de casa e em frentes que demorariam um pouco mais para se acostumarem com suas presenças (MARIA, 2015: 349).

Malu Mulher se tornou uma sensação internacional que, depois de ser vendida para emissoras de 50 países, recebeu prêmios em Portugal, Grécia, Estados Unidos e Espanha. Sua trilha seguia a lógica de ter cada música cantada por uma voz feminina diferente, o que logo fez nascer um LP (Long Play) e um novo especial. Entusiasmado com o produto que haviam criado em casa, João Araújo, da Som Livre, o braço fonográfico da Globo, sugeriu a Daniel Filho que elaborasse um programa inspirado no seriado, só com

mulheres cantoras populares da época. E foi assim, que da costela de Malu, nasceu *Mulher 80*, com entrevistas e shows de 11 cantoras lado a lado e em papos individuais sobre os dilemas da mulher que construiria a nova década, agora, sob o ponto de vista das divas, segundo o autor Julio Maria (2015: 349):

Elis gostou do formato e decidiu quebrar o jejum de Rede Globo. Se tinha algum problema também com outras cantoras, chegava a hora de resolvê-lo. Além de seu nome, estavam no elenco Maria Betânia, Fafá de Belém, Zezé Motta, Marina Lima, Simone, Rita Lee, Joanna e Gal Costa. Um nome natural para a apresentação da noite era o de Regina Duarte, a Malu do seriado. Mas Regina ficou grilada com a proposta. Entendeu que *Mulher 80* poderia embolar o meio de campo de *Malu Mulher* e relutou. Quando percebeu a segura diferença entre os projetos, topou, desde que usasse ao menos uns óculos para diferenciar-se da outra personagem e evitar confusões no espectador. Quem estava ali era Regina, não Malu, embora fosse esse um fato irrelevante, já que as duas acreditavam exatamente nos mesmos ideais. Outra participação especial era de Narjara Turetta, que interpretava a filha de Malu no seriado (MARIA, 2015: 350).

O jornalista Julio Maria revelou que antes de mostrá-las cantando, o diretor do programa, Daniel Filho exibia entrevistas que questionavam mais a mulher e menos a artista. “A gente ‘tá’ aprendendo a pensar com a nossa própria cabeça. Mas como fazer para equilibrar essa cabeça e esse coração?”, perguntava Regina Duarte olhando para a câmera. Quando Daniel Filho chegou à casa de Elis, em São Paulo, armando o equipamento para a filmagem, ela avisou: “Fiquei sabendo que tem umas cantoras chorando aí nas entrevistas que você está fazendo. Nem vem que aqui não vai ter choro, não”. O diretor explicou que essa não era sua intenção, que não estava ali para arrancar lágrimas de suas convidadas. O choro de Zezé Motta, ao qual se referia Elis Regina, havia saído no momento em que a cantora se lembrou de ter obtido um prêmio importante no mesmo dia da morte de seu pai (MARIA, 2015: 350).

A cantora baiana Simone Bittencourt de Oliveira ou simplesmente Simone, com o grande sucesso da canção tema de abertura do seriado *Malu Mulher*, “*Começar de Novo*”, uma das primeiras músicas brasileiras que abordavam a independência feminina, foi registrada pela primeira vez no disco *Pedaços*, em 1979. Considerado um divisor de águas na carreira da cantora, com o espetáculo de título homônimo, segundo o site musicabrasileira.org (2004).

A cantora baiana Margareth Menezes aproveitou da performance da canção “*Faraó*” que pertence ao compositor Luciano Gomes, em momento musical de intensa sensibilidade que espontaneamente suscitou o manifesto que favoreceu a letra da música e potencializou os discursos durante o show, numa contemporânea cultura de exclusão, resplandeceu a identificação da população presente pelo protesto. Em Salvador, a “Roma Negra” brasileira, no Festival de Verão (2006), no Parque de Exposições da Bahia, as imagens estão em exibição na íntegra, no canal do YouTube da interprete. Margareth como mulher preta, cantora e posicionada emociona o público quando diz:

Porque a gente constrói nossa história é no dia-a-dia, a gente que tem afrodescendência, que tem a negra cor... Quem tem dinheiro tem, mas quem não tem constrói com sangue, suor e lágrima. E todo dia tem que reconhecer de onde vem, porque vem, porque que “tá” aqui, o que é que a gente tá fazendo. Então, viva a Bahia que abraça todos nós (MENEZES, 2006).

Sensibiliza também em imagens do Show quando extravasa em protesto e menciona que:

Só a gente que sabe... Só a gente que sabe e sente na pele o que é que é isso. Porque quando alguém, quando alguém branco fala sobre discriminação racial “tá” sendo politicamente correto. Quando o negro fala: “lá vem o negro reclamando”. Mas, é porque a gente sabe o que nossas famílias passam, nossos antepassados passam. A gente sabe que os nossos direitos, a história da nossa vida. A gente quer parar de lutar para sobreviver, a gente quer viver. A gente quer colaborar com esse país de uma maneira que a gente pode. E a gente pode muito mais. Oportunidade é isso que a gente “tá” precisando. Eu acho que “tá” chegando também conscientização, gente. Conscientização que somos cidadãos brasileiros. “Tá” certo?! É isso aí (MENEZES, 2006).

A cantora se desculpou e disse que o artista se emociona. Mas, comentou também que “acha” que tem momento que não pode deixar de expressar aquilo que sente e que o artista tem essa função. Desculpou-se novamente como se o público não a apoiasse em seu manifesto e mencionou que não costuma fazer isso e falou também: “Eu quero agradecer e dizer que canto o que eu amo” (MENEZES, 2006). Finalizou revelando que diante da multidão e da troca de energia só pode fluir amor e seus posicionamentos através de manifestos sensíveis e conscientes da luta permanente.

Quanto às constantes lutas repletas de “*um sexto sentido maior que a razão*”, os autores Paulo Goetze (2019) e Marilda Santanna (2007) retratam o posicionamento profissional e engajamentos sociopolíticos e culturais de Daniela Mercury, considerada “*A Madona Brasileira*” ou “*A Rainha do Axé Musc*”. Daniela inovou o Axé Music com o eletrônico, o cênico, o performático e performático acerca da dança e também do posicionamento feminino em prol da consciência do público através de sonoridade acústica em qualidade de técnica e também da estrutura de local/espço das apresentações que possibilitam o intuito final que é a maior atenção da plateia às letras das canções.

Daniela Mercury é de uma geração de cantoras baianas que cantam por várias horas em cima do palco móvel/itinerante que é o trio elétrico, chegando a passar cerca de seis horas até oito horas, principalmente se ocorrer algum “engarramento” de trios elétricos, no circuito do carnaval, ou em “micaretas” (carnavais fora de época). Além da maratona das inúmeras viagens em turnês, divulgações, gravações, entre outros eventos e trabalhos cotidianos a carreira profissional.

Quanto ao machismo, Daniela, quando comenta em redes sociais que preferiam a personificação masculina na performance à exemplo dos cantores que “puxavam” blocos carnavalescos como o Bloco EVA de quem já foi cantora e que “tinha que ter o homem”. O cantor baiano Renan Ribeiro, em entrevista através de Live para Lucas Spinelli, em 13 de julho de 2020, disse que era back vocal, na época, e confirma o que Daniela disse, já que ele foi escalado para cantar ao passar pela passarela da imprensa, no Campo Grande, no circuito Avenida, onde não alcançou tal intuito, mesmo que sorrateiramente perante o mercado midiático branco, baiano/local e nacional presente que lidera grandes blocos carnavalescos porque Daniela Mercury se posicionou.

A cantora Daniela Mercury, mulher, feminista e cantora, se colocou como profissional e disse que se ela não ficasse à frente do bloco como cantora teria que sair e sua permanência ocorreu em decorrência da sua bravura. Os empresários iam sentir falta de seu profissionalismo, talento e do retorno com resultado de sucesso mercadológico que a

cantora já realizava na época ao bloco e aos foliões associados. Contudo, é possível que outros casos e situações semelhantes aconteceram e ainda acontecem atualmente com outras mulheres cantoras baianas.

A interprete baiana Daniela Mercury tem como referência as cantoras Carmen Miranda e Elis Regina, em entrevista para Ronaldo Jacobina da “*Revista Muito do Grupo A Tarde*”, em 11 de dezembro de 2011, no texto intitulado “*Elétrica Daniela*”, ela revela:

Quando comecei a lidar com banda, me afirmar como uma mulher de liderança, lembro que os músicos diziam: “Não dá bola para ela”. Um dos motivos que me levaram a sair da Companhia Click foi porque a banda era extremamente machista. Eu me irritava com aquilo, eu nasci para ser feminista. Comecei a não ficar satisfeita com as letras que vinham. E desde meus primeiros discos, eu interfeiri nas várias letras que recebia. Com muito respeito, pedindo permissão e mostrando o fruto do trabalho feito por mim aos compositores para ver se eles me aceitavam como parceira deles. Eu via valor naquelas letras que vinham, mas aquela obra precisava, para mim, de uma lapidação, de acrescentar algum conteúdo ali, poético e tudo. E aí eles deixavam. Depois comecei a convidá-los para comporem comigo, para poder não deixar de ter a veia deles. (2011: 26)

Quanto à espontaneidade aos manifestos nas letras das canções e ao discurso, Daniela Mercury relata que:

Não é nada programado. Eu, na verdade, fico pensando o que tenho vontade de falar. O que seria rico de dizer às pessoas. Mas eu não sei em que hora isso vai acontecer, ou se isso vai acontecer. Não tenho texto marcado, não escrevo antes, nada disso. Eu reflito, estou sempre refletindo sobre o que minha arte significa, o que posso acrescentar. Se a arte basta para dizer as coisas que quero dizer, como cidadã, como pessoa, neste País. No momento, aquilo surge. Inclusive eu me arrisco, porque eu falo improvisadamente na introdução da música. Se aquilo não der certo, se eu falar alguma besteira, não tem como consertar nunca mais. Então, ou vem inspirada ou vem na base da poesia... (2011: 26).

Relacionado ao controle de sua obra ela menciona que:

Não é controle, eu quero participar do processo estético. Eu quero parir as músicas. Quero que elas sejam minhas filhas, que façam sentido para mim, que tenham a ver com minha história de vida (2011: 26).

Ao senso de liberdade do processo profissional, ela diz:

Minha maior independência artística é estética, é não estar ligada nas modas. Eu interfiro administrativamente também. Eu estou até tentando sair, mas não consigo. Eu delego toda vez que tenho pessoas que são excelentes, que sinto segurança, que dominam aqui, eu delego. Para mim, é um prazer delegar, mas nem sempre é possível né? Como também a vivência que eu acumulei, nem todos estão comigo desde o começo da carreira... Eu participei de todas as negociações dos meus contratos, conheço todos eles. O histórico da minha vida está comigo, e acabo sendo importante para lembrar. O que funcionou, o que não... Tenho que ser pelo menos uma consultora (2011: 26).

No Brasil, desde a Ditadura Militar, a repressão e a censura até o atual negacionismo político permeado pela censura refletida nos atuais cancelamentos virtuais não incentivam a coragem de artistas, à exemplo de cantoras como Daniela Mercury. O (des)governo

incita à opressão e tenta desmerecer as mulheres posicionadas no intuito delas desistirem do engajamento sociopolítico e cultural em posicionamentos através de órgãos nacionais e internacionais, letras de canções, entrevistas, entre outras ações. A cultura do silenciamento ao reprimir a população (excluída e à margem da sociedade) inspiram as artistas feministas ao se rebelarem com maior avidez e sensibilidade utilizando a comunicação de massa e as mídias como estratégias a favor do público para a permanente luta contra situações sociais genocidas e truculentas. O escritor Wander Melo Miranda menciona que “um país não existe como nação sem uma cultura livre, sem um pensamento livre, sem uma arte livre” (MIRANDA, 2020).

O texto “*Vozes, performances e arquivos de saberes*”, com o capítulo “*As andorinhas de viola no reino dos passarinhos de bigode: relações de gênero na cantoria de improviso*” (2018), a escritora Andréa Betânia da Silva relata o quanto o canto local/regional pode alcançar até a esfera universal com a contribuição feminina em manifesto e posicionamento engajado com ação política, social e cultural da mulher cantora do criativo, rápido e rimado repente. A autora menciona que o poeta e repentista Bule-Bule (2007 apud SANTOS, 2009, P. 7) aponta elementos importantes para compreender os motivos pelos quais a figura feminina torna-se temida no universo da cantoria:

O machismo impera muito e para a mulher vencer na cantoria não precisa de muita força porque tem sempre a torcida organizada, o machismo não tem muita força perante a beleza feminina não [...] a beleza feminina é realmente o cadeado que prende [...] o cadeado [...] (2009: 158).

O posicionamento feminino da repentista vai além do discurso oral e é personificado também através do raciocínio rápido, prático e objetivo para as soluções que a torna de “gata borralheira a princesa” em situações de um ambiente musical que costuma ser machista e geralmente boêmio repleto de hostilidades. Inclusive, o machismo é praticado também pelas próprias mulheres. As mulheres cantoras posicionadas do repente precisam ser “mais ‘machos’ que muitos homens” para fugirem das intemperes noturnas, como menciona Mocinha de Passira:

Mas o machismo, ao contrário do que se espera, também é imperativamente praticado pelas mulheres que frequentam a cantoria, cuja figura pode ser sintetizada a partir do posicionamento das esposas dos cantadores, que veem nas cantadoras indícios de ameaça, disputa e mesmo de exposição desejos que não concretizaram. Assim, há que se confirmar se estas são comprometidas, o que lhes confere alibi ou se pode valer do espaço conquistado entre os homens para

pôr em prática seus segredos de sedução, como narra a cantora Mocinha de Passira (2011: 5 apud SILVA, 2021: 159).

O capítulo “*Uma mulher notável de Saubara – Dona Zelita*” da obra “*Cantador de Chula: O Samba antigo do Recôncavo Baiano*” (2016), escrito pela Professora Doutora Katharina Döring revela outra mulher cantora/cantadeira que canta e encanta, já que “quem canta seus males espanta”. Com posicionamento sociocultural, Joselita Moreira da Silva, Dona Zelita, através de entrevistas realizadas, no período compreendido entre setembro e novembro de 2008 mostra o quanto é empoderada. O projeto “*Cantador de Chula*” motiva por intermédio de entrevistas, narrativas e biografias realizadas ao início de 2009, em tese de doutorado da autora; e a artista Joselita leva a cultura local/regional à várias partes do Brasil e até outras partes do mundo como o continente americano revelando a Döring que:

Dona Zelita – Joselita Moreira da Silva -, hoje com 78 anos, é uma das poucas mulheres sambadeiras que sempre sambou, cantou chulas e tocou prato, além de participar ativamente em várias tradições populares de Saubara como a Marujada e o Rancho do Papagaio. Zelita é famosa em Saubara pelo seu temperamento alegre, ousado e sua força de vontade. Filha de Oxum, parece ser do vento quando o assunto é viajar, porque vira-e-mexe, pergunto por Zelita em Saubara e recebo a resposta de que ela estaria em Salvador, ou viajando: São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte ou Santa Catarina! Até nos Estados Unidos ela foi, a convite de Linda Yuhin, uma dançarina americana. “Fui com uma amiga, ela morava em Los Angeles e outra em São Francisco, Conheci Seattle, fui a Hollywood, andei em uma calçada que só tem pé e mãos de artistas”. Com essas amizades e oportunidades, ela não perdeu seu senso de simplicidades e honestidade e tampouco se rendeu à ambição e à arrogância (DÖRING, 2016: 203).

Segundo Katharina Döring (2016), a cantora Zelita quando viajou aos Estados Unidos, Senhora Linda a levou para São Francisco da Califórnia. Comentou o quanto se surpreendeu com o tamanho do quarto e demonstrando o quanto era espaçoso o banheiro. Ela dizia que “em cima do banheiro tinha um bocado de pedra! Eu olhei assim, quando... ‘O meu Deus, como é que tô aqui dentro de tanta riqueza, de tanta beleza aqui dentro!’ Ela chegou abriu guarda-roupa e disse assim: ‘Ô Zelita, tá vendo esse guarda-roupa aqui, você pode levar tudo’. Olhei assim: ‘eu não, minha filha, não posso levar não, vou prá tão

longe, como é que vou levar essa rouparia toda?’ Assim mesmo, Linda me deu uma mala, eu trouxe” (2016: 203). O interessante é que não há apenas uma aparente surpresa e deslumbramento para o entre-lugar que a música levou a cantora, como a retrospectiva feita sobre sua história e de seus familiares e ancestrais:

O espanto de Dona Zelita com tanto requinte não é só de se admirar, quando sabemos da sua origem humilde, em que, para não passar fome, precisava labutar muito. Nascida em Saubara, no Recôncavo, ela foi criada na roça e no mato por uma família pobre e batalhadora, desde pequena trabalhando em casa, na enxada, na maré e cuidando dos muitos irmãos pequenos. Ela lembra toda história familiar e conta com mágoa que o avô foi lutar na Guerra do Paraguai sem receber indenização como muitos homens negros naquele tempo (DÖRING, 2016: 203 e 203).

Para batalhadoras e guerreiras como Senhora Zelita, preta, pobre, resistente e reexistente através da cantoria potente e de luta constante por mais que revele novos horizontes ao seu entorno social e cultural passa a ter dificuldade ao acreditar que seu posicionamento engajado a leva para outros “mundos”. Conseqüentemente é o que diz Katharina Döring sobre o “processo de transformação e aprendizado permanente e inacabado” (2016: 256) que permeia a vida das cantoras posicionadas em uma cultura do silêncio. Inclusive, esse ciclo é vivenciado por mulheres simples, fortes, empoderadas e generosas como Dona Zelita que pensam mais no próximo e menos em si ao ponto de nunca imaginarem que a prosperidade pode também um dia lhe alcançarem através da voz de cantadeira sem fronteiras.

A entrevista de 06 de janeiro de 2020 para o site “*Hoje em Dia*”, com o título “*Membro da Academia Mineira de Letras, Wander Melo Miranda analisa momento atual da cultura*” realizada pelo repórter Paulo Henrique Silva, o Professor Doutor Wander Melo Miranda comenta sobre a importância da resistência através da literatura que é a “arma” mais poderosa porque é uma forma acessível e depende de poucos recursos financeiros em um momento contemporâneo que não há investimentos para a cultura brasileira. O escritor comentou o estado atual da cultura no país e a importância das artes para a formação de uma nação.

A mulher brasileira, em específico, a artista, compositoras e cantora posicionada com sua felicidade e sensibilidade ao comprovar o que diz a canção do compositor Paulo Vanzolini interpretada pelas cantoras posicionada, Beth Carvalho e Elza Soares, o gênero feminino “levanta, sacode a poeira e dá a volta por cima” com a cultura da “virologia” e/ou da

“ginga ou gingado” que constitui criativamente e transforma uma nação subdesenvolvida, como a brasileira. Sobre o livro “*Nações Literárias*”, lançado em 2010, o jornalista Paulo Henrique ao questionar se o escritor ao afirmar que a cultura contribui fortemente para a construção de uma nação. Então, como se dá essa contribuição, o autor assinala que:

Um país não existe como nação sem uma cultura livre, sem um pensamento livre, sem uma arte livre. Não são os políticos, as leis apenas. Quem forma uma nação é o povo e a cultura a produz. Sem isso, um país não se diferencia dos demais no panorama global. Cultura é sempre investimento. Esses políticos que falam que cultura é um gasto inútil não querem que as pessoas exerçam a plena liberdade de sua cidadania. A plena liberdade só se adquire numa nação livre e democrática, com uma cultura plural. Sem esse pluralismo, é impossível a uma nação sobreviver e ter uma identidade própria. A cultura não pode vir de um único pensamento, mas de vários tipos e artes (MIRANDA, 2020).

O Professor Doutor Wander Melo Miranda cita escritores como Henriqueta Lisboa que é uma das poetisas mais importantes do Brasil e exemplo para as mulheres. Menciona também que de maneira alguma as descrições literárias, entendidas dessa forma, podem ser isoladas e comparadas com as outras coisas (MIRANDA, 2010), o que faz articular com a seguinte citação de Stuart Hall (2000):

Se a arte é parte da sociedade, não existe unidade sólida fora dela, para a qual nós concedemos prioridade pela forma de nosso questionamento. A arte existe aí como atividade, juntamente com a produção, o comércio, a política, a criação dos filhos. Para estudar as relações adequadamente, precisamos estudá-las ativamente, vendo todas as atividades como formas particulares e contemporâneas de energia humana (HALL, 2000, P. 135).

O escritor Wander Melo Miranda ao explicar “que uma nova história da literatura latino-americana saiba como fazer ouvir e falar esse e outros silêncios” (MIRANDA, 2010: 38) nos remete a refletir que essa literatura pode com seus exímios textos comunicados através de canções e cantorias de vozes femininas posicionadas e empoderadas. Elas são arrimo familiar, mantenedoras/chefes familiares, donas-de-casa e na jornada tripla possuem carreiras acadêmicas, profissionais em busca de seus projetos e processos de evolução cultural e artística. Quanto a igualdade de direitos, há engajamento feministas em canções que não denigram a mulher, luta a favor de igualdade de gêneros, contra a cultura da homofobia, ou seja, a LGBTQIA+fobia, contra a cultura do silêncio, entre outras batalhas em prol de ações, movimentos e manifestos a favor de direitos constitucionais.

O interessante salientar sobre esse artigo é que ele foi inicialmente refletido diante a falta de posicionamento de cantoras caladas e silenciadas por motivos particulares delas, sejam pessoais e/ou profissionais em um momento contemporâneo de (des)governo, no Brasil, em que as minorias, sejam elas, as mulheres, o público LGBTQIA+ e os negros (pretos, pardos e indígenas), tanto precisam de vozes de coragem e que empoderem essa multidão com milhares de excluídos em um contexto histórico mundial presente que é da pandemia quanto ao COVID-19.

O público não apenas precisa de vozes para acalantar a rotina dura e pesada de desemprego, violência, mortes, fome, inflação econômica, exclusão de direitos conquistados com tanto sangue, suor, trabalho e com a própria vida de muitos dos nossos, que em transição ao atual (des)governo tem ocorrido exclusões de ações afirmativas e direitos constitucionais perante as leis brasileiras. O público sempre necessitou de contestação e questionamento das vozes ativas que sabem se posicionar diante o poder de fala, já que possuem destaque em veículos midiáticos da comunicação de massa nacional ocasionando impacto na opinião pública quanto a questões de gênero, sócio, político, econômico, cultural e artístico para transformação e evolução em esfera nacional e até internacional.

Pode ser que as cantoras caladas sejam tema de um outro artigo. Entretanto, elas foram incentivo para que diante do silenciamento imposto pela cultura do silêncio haja a recordação dos fatos históricos e dos posicionamentos deixados como legado para as próximas gerações de cantoras posicionadas e artistas feministas com doses de sabedoria, intuição, criatividade nas soluções de problemas e do amor ao próximo e às várias atividades simultâneas e múltiplas cotidianas jornadas de trabalho que só a mulher sabe fazer e mostrar através de inúmeras atitudes na vida e no palco que de “sexo frágil” não tem nada e é “mais’ macho’ que muito homem”, como cita a precursora e Rainha do Pop/Rock brasileiro, Rita Lee, nas letras de suas canções que são dois dos hinos femininos do Brasil: “*Cor de rosa choque*” (1982) composta por ela, Rita Lee Jones de Carvalho, e Roberto de Carvalho; e da música “*Pagu*” (2000), também escrita por ela e por Zélia Cristina Duncan Gonçalves Moreira. Ambas gravadas pelos estúdios da Warner Chappell Music mostram a força artevista feminista de mulheres cis heterossexuais, bissexuais, lésbicas e trans quebrando estereótipos, paradigmas, tabus, entre outros obstáculos criados pela sociedade contemporânea.

REFERÊNCIAS

BRAYNER, Natália Guerra. **Patrimônio Cultural Imaterial: Para Saber Mais**. Brasília-DF: IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) – MinC (Ministério da Cultura); 3ª. Edição. 2012. P. 07.

DÖRING, Katharina. **Cantador de Chula: O Samba antigo do Recôncavo Baiano**. Série Sons da Bahia (Volume IV), 1ª. Edição. Salvador: Editora Pinaúna. (2016). P. 09 a 255.

DUARTE, Lidiane. **Diretas Já**. InfoEscola (2007). Consultado em 9 de janeiro de 2021.

FREIRE, Paulo. **Ação Cultural para Liberdade e outros escritos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976. P. 49.

GOETZE, Paulo. **Daniela Mercury: Trajetória, Produção e Inovação**. Salvador: Editora Devires (2019).

GREGORY. **Medeia**. Ebook. 2005. 3.

HALL, Stuart. **Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais**. Org. Liv Sovik; Trad.

Adelaine La Guardia Resende et al. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2000.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. **Cultura como recurso: Coleção Cultural é o que? (Volume IV)**. Salvador: Secretaria de Cultura do Estado da Bahia, Fundação Pedro Calmon. 2012. P. 05 a 52.

MARIA, Julio. **Elis Regina: Nada será como antes**. São Paulo: Editora Master Books. 2015. P. 13 a 423.

MIRANDA, Wander Melo. **Nações Literárias**. Editora Ateliê: MG. 2010. P. 38.

SANTANNA, Marilda. **As donas do canto: o sucesso das estrelas-intérpretes no carnaval de Salvador**. Salvador: EDUFBA. 2009. P. 58.

SILVA, André Betânia da. **Vozes, performances e arquivos de saberes**. 2018. P. 158 a 159.

SOUZA, Marcos Aurélio dos Santos. **O entre-lugar e os estudos culturais**. Artigo: Pesquisas em educação, cultura, linguagem e arte. Bahia: Revista Travessias No. 1. 2005. P. 2.

MIRANDA, Wander Melo. **Nações Literárias**. Belo Horizonte: Editora UFMG. 2010. P. 38.

WILLIS, Jean. **Ainda lembro**. Editora Globo: São Paulo. 2005. P. 15 a 111.

REFERÊNCIAS VIRTUAIS

Canal da TV Cultura (YouTube): “Elis Regina: Jogo da Verdade”. Programa exibido originalmente em 1982. Link: [Elis Regina - Jogo da Verdade - YouTube](#). Vídeo postado em 2016. Consultado em 15.01.2021.

Canal de Margareth Menezes (YouTube): Festival de Verão. Janeiro de 2006. Discursos realizados a partir de 30:45 e 36:42. Link: [Margareth Menezes no Festival de Verão 2006 - Show Completo - YouTube](#). Vídeo postado em 19.05.2020. Consultado em 08.01.2021.

Chiquinha Gonzaga. *Enciclopédia Itaú Cultural*, 2 de junho de 2017. Consultado em 09 de janeiro de 2021.

Daniela Mercury (@danielamercury): Instagram. Consultado em 13.01.2021.

ECAD: A Instituição. ECAD: Escritório Central de Arrecadação e Distribuição – Wikipédia, a enciclopédia livre (wikipedia.org). Consultado em 09 de janeiro de 2021.

Lucas Spinelli (@lsspinelli): Instagram. Consultado em 13.01.2021.

Renan Ribeiro (@renanribeiro_br): Instagram. Consultado em 13.01.2021.

Revista iG Gente - Rita Lee conta que Elis Regina a ajudou a sair da prisão: 'Rodando a baiana' - Celebidades - iG (30.11.2020). Consulta em 13.01.2021.

Revista Muito - No Reino de Daniela: Articulada e cheia de energia, a artista fala sobre carnaval e os rumos da música baiana. Revista Semanal do grupo A Tarde (11.12.2011) P. 24 A 29. Consulta em 07.01.2021.

Simone: Pedacos – musicabrasileira.org. Arquivado do original em 20.08.2004. Consulta em 07.01.2021.

Site “Hoje em Dia”: Membro da Academia Mineira de Letras, Wander Melo Miranda analisa momento atual da cultura - Almanaque - HOME (hojeemdia.com.br). Consulta realizada em 05.01.2020.

Site “Sotheby’s”: Pintura de Johannes Stradanus sobre Renascimento e Maneirismo. (2021). Consultado em 13.01.2021.

Site do TSE: Dia da Conquista do Voto Feminino no Brasil é comemorado nesta segunda (24) — Tribunal Superior Eleitoral (tse.jus.br) (24.02.2020). Consultado em 09.01.2020.

Site Veja: <https://veja.abril.com.br/cultura/rita-lee-tera-de-indenizar-policias-militares-de-sergipe/>. Consultado em 12.01.2020.

Teresa Cristina (@teresacristinaoficial): Instagram. Consultado em 13.01.2021.